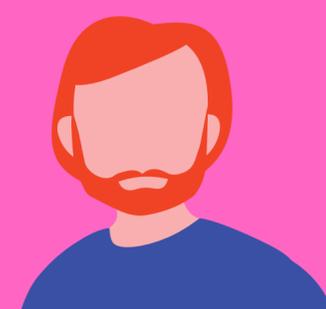
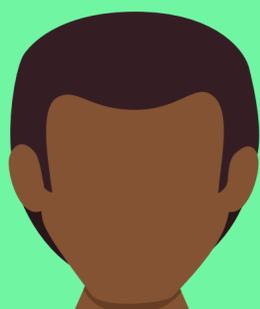
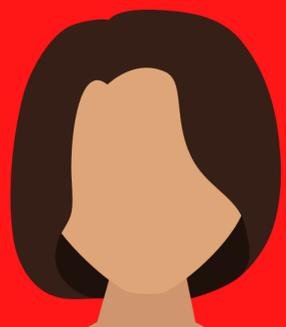
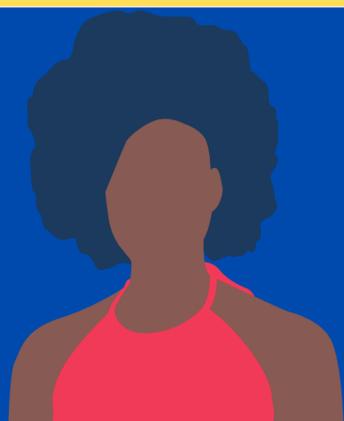
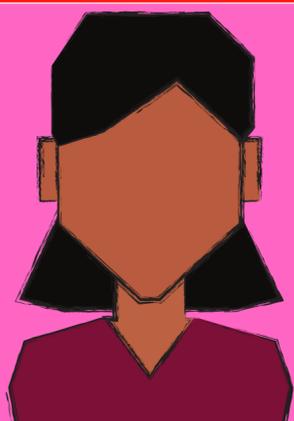


NESTA CARTILHA VOCÊ
ENCONTRARÁ:

**COMO
CONSTRUIR
UM AMBIENTE
ACADÊMICO
MAIS
INCLUSIVO
PARA
MULHERES?**

Ambiente acadêmico e o papel dos
homens na luta por equidade de gênero





ÍNDICE

1) INTRODUÇÃO

2) APRESENTANDO O PROBLEMA

3) DADOS SOBRE A FACULDADE E DIVERSIDADE DE GÊNERO

4) MICROAGRESSÕES

5) AÇÕES PARA TRANSFORMAR A FACULDADE

6) SOU HOMEM. COMO POSSO CONTRIBUIR?

7) PARA SABER MAIS!



Um ambiente receptivo e acolhedor para todas!

BEM-VINDE À SANFRAN!



Esperamos que você aproveite muito todos os momentos aqui! Uma parte importante da experiência universitária é poder conhecer os mais diversos tipos de pessoas, o que enriquece nossa formação como profissionais e como seres humanos. Porém, sabemos que, muitas vezes, não é fácil conviver com pessoas muito diferentes de nós e, assim como fora dos muros da faculdade, situações machistas, racistas, legbtfóbicas, infelizmente, acontecem. É preciso, nesses casos, lembrarmos de sempre sermos respeitosa com as outras e de tratar todas da forma como nós queremos ser tratadas, pois só assim construiremos um ambiente melhor e sem discriminações para todas.

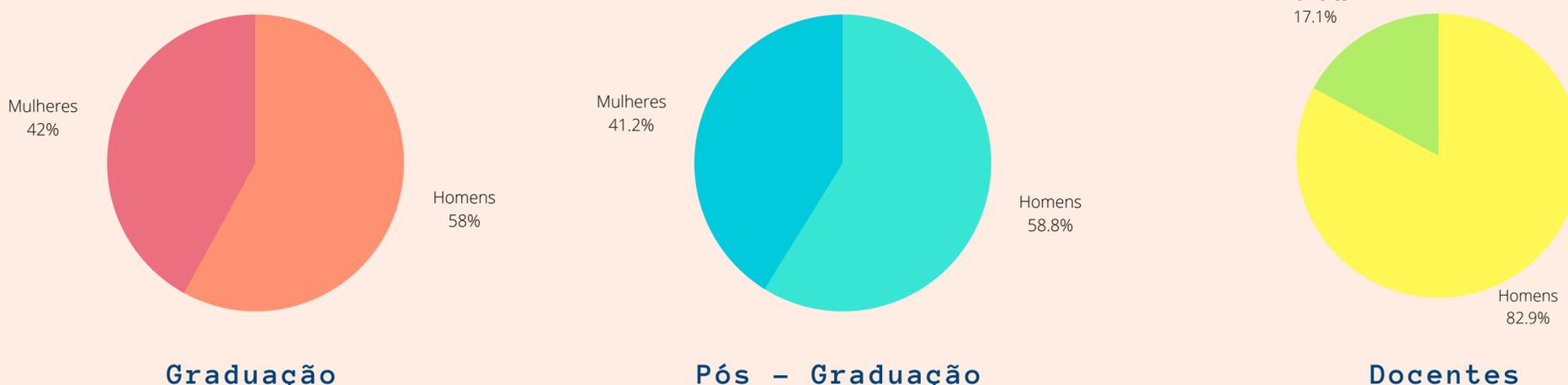
Assim, vamos tentar perceber os problemas do cotidiano universitário e lidar com eles da melhor forma possível?

A Faculdade de Direito e a Diversidade de Gênero...

Esta cartilha trata, principalmente, da situação das mulheres no ambiente universitário. Assim, apesar de considerarmos importante reavaliar a situação dos mais variados grupos minoritários, o termo "inclusivo", utilizado em seu título, refere-se principalmente à condição feminina no meio acadêmico. Observando os dados sobre as comunidades discente e docente da Faculdade de Direito (FD) referentes ao ano de 2018 é possível constatar que mulheres são minoria nas carteiras da FD, mas a diferença é extrema, quando se trata do corpo docente, o que indica que, mesmo chegando a quase metade do corpo discente, mulheres ainda são raras nos cargos mais altos da faculdade. Com isso, pode-se constatar de forma clara a desigualdade de gênero que se expressa no ambiente da faculdade e que possui consequências graves para a vida pessoal e acadêmica das alunas.

DIVERSIDADE DE GÊNERO NA FDUSP

(dados do Anuário USP 2019)



ENTÃO, COMO CONSTRUIR UM AMBIENTE ACADÊMICO MAIS INCLUSIVO?



O respeito deveria ser a base de toda e qualquer relação humana, mas, em uma sociedade tão carregada de preconceitos de gênero, raça e classe como a nossa, combater o desrespeito em todas as suas formas é uma luta diária - e na faculdade não é diferente! Infelizmente, os mesmos velhos preconceitos e relações de desigualdade e opressão também se manifestam aqui, fazendo com que o ambiente acadêmico, por vezes, se mostre pouco inclusivo.

Apresentando o problema...

Antes de mais nada, acreditamos ser necessário conceituar alguns termos. Em primeiro lugar, é preciso destacar que a violência é um termo muito amplo, o qual pode ser subdividido em diversas categorias, entre elas:

- **Violência física:** espancamento, estrangulamento, tortura, etc;
- **Violência moral:** humilhações, desqualificações, estigmatizações, etc;
- **Violência psicológica:** abuso de poder, ameaças, constrangimento, manipulação, perseguição, agressões verbais, etc;
- **Violência sexual:** estupro, importunação sexual, assédio, controle da sexualidade, etc;
- **Violência de gênero:** discriminar, segregar ou utilizar-se de uma das formas anteriores de violência contra alguém em razão de seu gênero.



Mimimi é a dor que dói no outro



O grande problema é que nem sempre esses ataques se apresentam de forma explícita, na maioria dos casos, eles se apresentam sob a forma de microagressões, as quais podem ser definidas como situações nas quais uma pessoa - intencionalmente ou não - diz algo ou se comporta de certa maneira que faz com que outra(s) pessoa(s) sinta-se desconfortável, invisibilizada, invalidada, violada ou silenciada.

A falta de intencionalidade é fator muito importante, pois é exatamente por considerar que está apenas brincando ou sendo sincero que o agressor tem dificuldades em se enxergar como tal e, assim, com a desculpa de que o problema está na sensibilidade exagerada do outro ele justifica seu comportamento.

Qual foi nosso método empregado?

A ideia inicial para cartilha foi construída com base na hipótese de que o ambiente acadêmico ainda não apresenta plena equidade de gênero. Partindo desse ponto, buscamos relatos de alunas e alunos da faculdade a respeito de suas experiências em diferentes espaços de convivência.

O meio para tal abordagem foi a divulgação de um formulário virtual, com alguns questionamentos a respeito de temáticas de gênero, relatados a seguir.



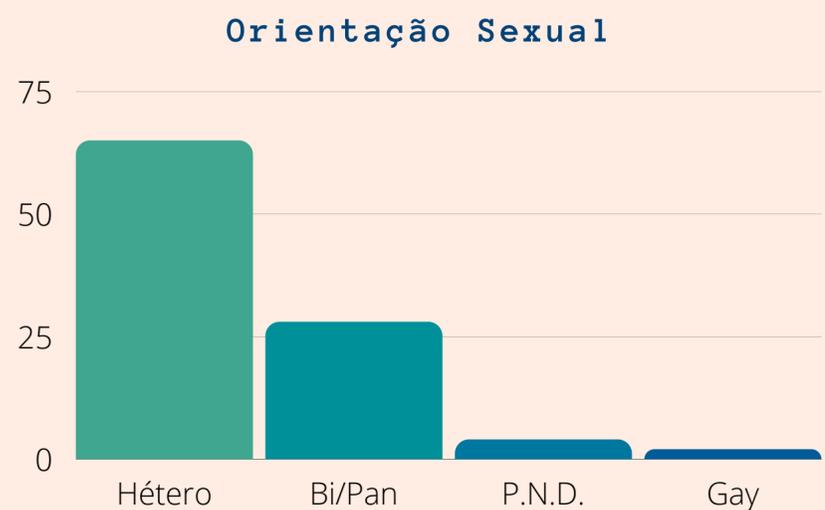
- (i) Você se considera: mulher trans, homem trans, mulher cis, homem cis, pessoa não binária, outro, prefiro não dizer;
- (ii) Qual sua orientação sexual?: bissexual/panssexual, gay, hétero, assexual/demissexual, outro, prefiro não dizer;
- (iii) Como você se identifica? (De acordo com a nomenclatura adotada pelo IBGE): preto, pardo, indígena, branco, amarelo, outro, prefiro não dizer;
- (iv) Você já sofreu algum tipo de microagressão na Faculdade?: sim, não;
- (v) Em caso afirmativo, em qual local da Faculdade?: porão, largo, sala de aula, banheiro, arcadas, festas da sanfran, mais de um desses locais (especificar abaixo), outro;
- (vi) Caso você se sinta à vontade, descreva em algumas palavras a(s) situação(ões) vivenciada(s).
- (vii) Você acredita que a(s) microagressão(ões) relatada(s) ocorreram em função do seu gênero? Ou em função de algum outro fator (raça, classe social, orientação sexual, entre outros)?
- (viii) Como você lidou com a situação? Gostaria de ter lidado de forma diferente? Você encontrou ou pensou em alguém com quem poderia conversar ou que poderia te ajudar?
- (ix) O que você acredita que a faculdade poderia fazer para evitar que esse tipo de situação se repetisse?

Obtivemos 46 respostas, correspondendo a um recorte muito específico em relação à quantidade de discentes totais da faculdade. Dessa forma, nossa hipótese inicial foi relativamente reforçada, com a análise de diversas microagressões sendo sofridas principalmente relacionadas à temática de gênero. Entretanto, temos que atentar para o fato de que a maioria das respostas foram referentes a mulheres brancas, configurando um recorte ainda mais específico. A partir da pesquisa empírica, procuramos descrever na cartilha as situações relatadas e suas consequências, além de trazer formas de como reagir e a quem recorrer nesses casos. Por fim, trouxemos materiais de apoio que tratam da mesma temática.

A Faculdade de Direito e a Diversidade de Gênero...

... MICROAGRESSÕES NA SEMPRE NOVA E VELHA ACADEMIA

Para compreender melhor como estas microagressões se manifestam no ambiente acadêmico, em diversos espaços da faculdade, foram consultadas as alunas e alunos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco que nos relataram algumas de suas experiências. Vejamos alguns dados:



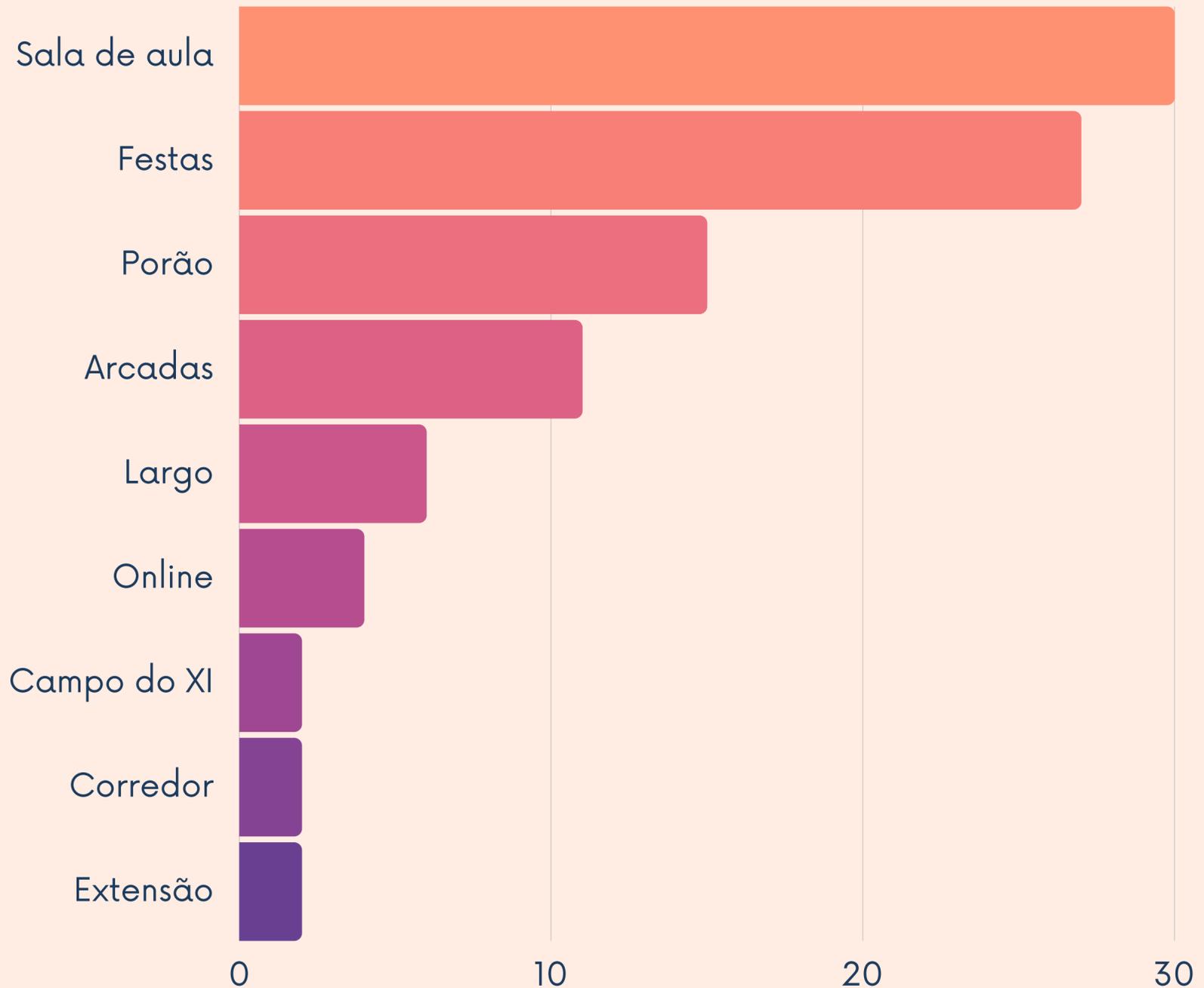
*Importante salientar que nossa amostra foi relativamente pequena (46 respondentes), o que significa que ela pode não refletir a realidade da comunidade em sua totalidade.

A partir destes resultados, concluímos que as respostas obtidas refletirão muito mais a vivências das alunas cis e brancas da nossa faculdade, mas não podemos ignorar que as questões de raça, sexualidade e classe também geram muitas situações de microagressões. Muitas vezes estas pessoas não encontram um ambiente acolhedor o bastante para se abrir sobre suas dificuldades, o que também se reflete nos resultados de pesquisas como esta.



Microagressões

MICROAGRESSÕES: LOCAIS EM QUE OCORRERAM



"Na festa da matrícula um veterano ficou dando em cima de mim descaradamente no porão quando claramente eu não queria. Não sabia como sair do lugar e eu achei horrível esse fato"

Mulher cis, preferiu não dizer a sexualidade, branca.

"Já fui silenciada diversas vezes por colegas homens, amigos "próximos". Minhas maiores memórias são em trabalhos em grupo. Quando começava a falar, era cortada"

Mulher cis, bissexual/panssexual, branca.

"Nas festas, é a insistência de alguns homens mesmo quando você já disse não"

Mulher cis, bissexual/panssexual, branca.

Microagressões

JÁ OUVIU ALGO ASSIM?

"Nossa palavra é o tempo todo diminuída ou ignorada, não nos sentimos pertencentes ao ambiente e temos a sensação que a todo momento devemos buscar a perfeição para provarmos que merecemos estar ali"

Mulher cis, hétero e branca.

"Na primeira aula de uma determinada matéria, o professor fez uns três comentários bastante dispensáveis do tipo "mulher não gosta de futebol" e "mulheres são fisicamente mais fracas"

Mulher cis, bissexual/panssexual, branca.

"A situação mais marcante foi a de um monitor que, após a minha apresentação, disse que a exposição tinha sido excelente e que ele não esperava aquilo de mim em razão do meio jeito "extrovertido"

Homem cis, bissexual/panssexual e branco.

"Já escutei comentários muito chatos por conta da minha roupa, por conta da minha personalidade (sou objetiva e direta e várias vezes escutei como se fosse grossa, agressiva, brava)"

Mulher cis, hétero e branca.

"Algumas microagressões mais frequentes são interrupções na minha fala, por monitores mais do que por professores ou ainda quando um monitor dava crédito ao colega homem sendo que a fala inicial era minha"

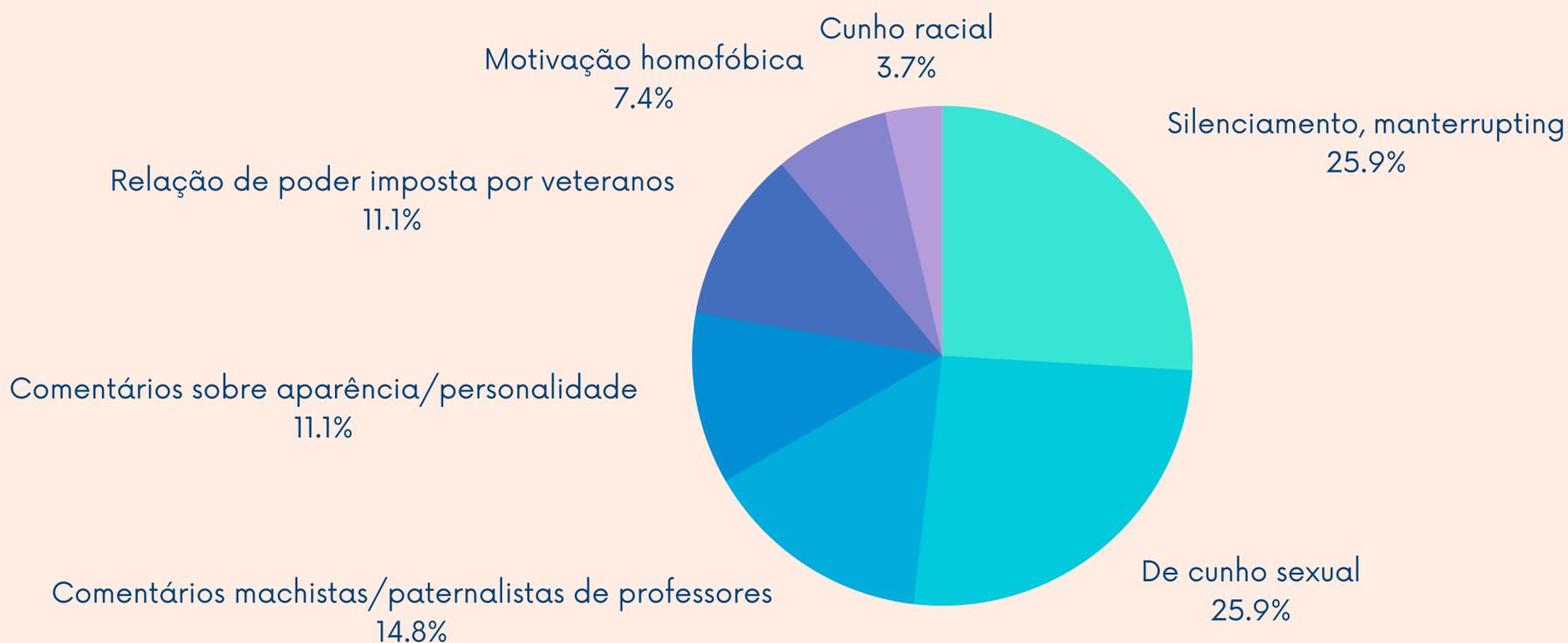
Mulher cis, bissexual/panssexual, branca.



Microagressões

Talvez você esteja se perguntando se tais acontecimentos não são apenas pequenos contratempos da convivência social, por isso, explicamos abaixo por que eles consistem em microagressões:

QUAIS SÃO AS MAIS COMUNS:



Para compreender melhor como estas microagressões se manifestam no ambiente acadêmico, em diversos espaços da faculdade, foram consultadas as alunas e alunos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco que nos relataram algumas de suas experiências. Vejamos alguns dados:

- **Silenciamento/manterrupting** ocorre quando alguém, em razão de seu gênero não tem suas falas consideradas, sentem-se julgadas por suas ideias ou elas são atribuídas a colegas homens ou são interrompidas por estes que repetem o conteúdo de suas ideias;
- **Comentários de professores sobre estereótipos de gênero e infantilização/tratamento paternalista em relação às alunas.** O paternalismo implica no posicionamento que usa de uma suposta necessidade de proteção como desculpa para desconsiderar as ideias da outra parte que é infantilizada. Por exemplo: constantes interrupções como forma de “ajudar” a aluna, presumindo que esta não conseguiria responder alguma pergunta fácil. Normalmente perguntas mais complexas são direcionadas a alunos homens.



Microagressões

- **Estereotipização** acontece quando alguém recebe um rótulo devido a uma característica física ou de personalidade (a mulher assertiva é considerada “grosseira”, a mulher extrovertida é intelectualmente menos capaz);
- **Necessidade constante de provar que merece ocupar o lugar na faculdade;**
- **Hierarquização entre veteranos e caloures** (Situação onde os primeiros apresentam tratamento ofensivos, desrespeitosos e invasivos aos últimos, considerando alguma forma de superioridade);
- **Assédio moral e sexual** (olhares, “cantadas”, comentários constrangedores);
- **Objetificação sexual de casais homoafetivos de gênero feminino;**
- **Contato forçado** (beijos, puxões de braço e cabelo - principalmente em festas).

É importante destacar que parte dessas atitudes foi tomada por monitores, o que demonstra uma necessidade de debate sobre esses temas também no interior dos programas de Pós-Graduação. Vale lembrar também que monitores não costumam ter uma diferença de idade muito grande de seus monitorados, o que pode indicar a determinação de métodos específicos de conscientização desse público, que devem ser distintos dos métodos empregados para conscientização de professores, por exemplo.

CONSEQUÊNCIAS

Como o nome sugere, as microagressões podem parecer pequenas - às vezes, tão pequenas que a própria vítima questiona se a agressão realmente ocorreu -, todavia, ao se repetirem no tempo, as microagressões se acumulam e podem apresentar efeitos danosos à saúde psicológica e emocional das vítimas. As consequências mais comuns, segundo relatos:

- Ansiedade;
- Desestímulo para participação das aulas/festas/eventos;
- Prejuízo no desempenho acadêmico.
- Insegurança;
- Retração;
- Culpa;



Tendo em vista estes aspectos, é evidente que a desigualdade em nosso ambiente acadêmico não se reflete apenas na desproporcionalidade da representatividade feminina na docência (observados o percentual de estudantes mulheres em relação ao de homens), como também, na forma de tratamento a qual são submetidas as estudantes: o silenciamento, a estereotipização, diversas modalidades de assédio, dentre outros. Assim, a fim de lutar contra essas situações de violência, corporificadas, em grande parte, em microagressões, e criar ambientes mais democráticos, de respeito mútuo, nos quais todos se sintam confortáveis para se expressar, **selecionamos algumas ações que podem ser adotadas pelos alunos e listamos elas abaixo:**



Ações para transformar



NA FACULDADE EM GERAL

Respeite as pessoas por quem elas são!

Em qualquer lugar da faculdade, respeite a religião, a orientação sexual, a identidade de gênero, a orientação política e a forma de se vestir, agir e falar dos outros. As pessoas são diferentes e todas as formas de existir são válidas.



Pratique a empatia e o diálogo!

Pessoas são diferentes, então por vezes não entendemos os motivos por trás de uma ação ou fala. Colocarmo-nos no lugar dos outros não nos permite sentir exatamente o que eles sentem, mas nos ajudam a compreender melhor nossas relações. Além disso, o diálogo é sempre a melhor forma de evitar ou resolver conflitos.



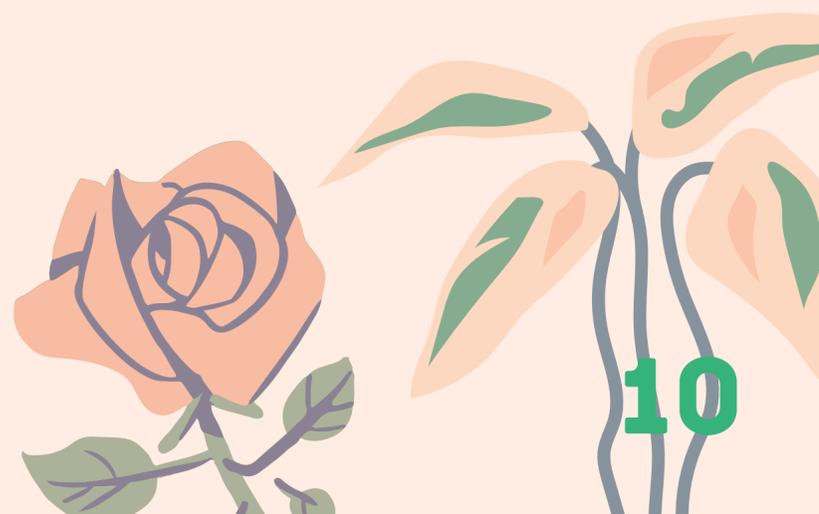
Assuma a responsabilidade por seus erros!

É normal errarmos, mesmo quando estamos tentando acertar. Então, se alguém disser que algo que você disse ou fez lhe machucou ou ofendeu de alguma forma, escute com atenção e tente se colocar no lugar da pessoa. O importante é pedir desculpas e evitar que a situação ocorra novamente!



Cuidado com os estereótipos!

Estereótipos são visões preconcebidas sobre pessoas ou grupos, usualmente superficiais e criadas pelo senso comum. Ao perpetuarmos essas noções, invalidamos a individualidade dos outros, os invisibilizando - e perdemos a chance de conhecê-los verdadeiramente.





Ações para transformar



EM SALA DE AULA

Nem todo mundo tem as mesmas referências!

Talvez nem todo mundo conheça aquele filósofo que você viu na escola ou aquele livro que você adorou ler. Assim, se for citar alguma referência, não parta do pressuposto de que todos têm o mesmo nível de conhecimento sobre o tema - em vez disso, tente explicar de forma clara o conceito, para que o conhecimento seja verdadeiramente compartilhado com a sala.



Pratique a escuta atenta!

Quando nos manifestamos em sala de aula, queremos ser realmente ouvidos. Prestar verdadeira atenção nas manifestações dos colegas é essencial, não só para uma sala de aula mais acolhedora, mas para facilitar a construção de um conhecimento coletivo. Que tal, da próxima vez que for falar após alguém, dialogar diretamente com a fala dessa pessoa? Por exemplo "Concordo com o que Fulana disse em tal ponto, e queria acrescentar que..."



Discordar também é importante!

Nem sempre todos irão concordar nas discussões propostas em aula, e tudo bem! A universidade deve ser um espaço de debate de ideias! O importante é que todos expressem seu ponto de vista de maneira respeitosa e que as diferenças não sejam ignoradas, mas valorizadas, para incentivar a manifestação de vários pontos de vista e experiências. Você pode discordar de colegas em sala de aula e ainda manter a amizade lá nas arcadas! Divergência de opinião não precisa ser ataque pessoal ;)



Respeite o espaço de fala!

A sala de aula deve ser um espaço em que todos se sintam confortáveis para falar, sem serem interrompidos ou desconsiderados. Contribua para a construção de um ambiente em que cada um possa se expressar livremente, esperando que o colega termine de falar antes de iniciar sua fala.



Ofereça comentários construtivos!

Quando oferecer feedback para o trabalho de alguém, certifique-se de que sua opinião é bem-vinda e, se for tecer críticas, resalte também os pontos positivos e explique por que acredita que determinados aspectos poderiam ser melhorados, propondo soluções e alternativas viáveis.



Ações para transformar



NAS ARCADAS E NO PORÃO

Nem todo mundo tem as mesmas vivências!

A universidade tem, felizmente, se tornado cada vez um lugar mais diverso. Isso significa que os alunos vêm de cidades, escolas, famílias, enfim, realidades diferentes. Por isso, por exemplo, os lugares que você frequenta, as viagens que você fez, os rolês que você sempre vai poder não ser os mesmos das pessoas que você irá conhecer. Assim, é importante não pressupor que todo mundo tem os mesmos hábitos e experiências e, em vez disso, se abrir para ouvir o que o outro tem a compartilhar. Além disso, a faculdade não é formada apenas por alunos e professores, procure prestar atenção e respeitar funcionários e funcionárias que estão diariamente nos auxiliando.



Evite interromper a fala dos outros!

Em espaços descontraídos, como as arcadas ou o porão, é claro que a conversa é mais livre do que, por exemplo, em sala de aula; assim é fácil se empolgar e atropelar a fala do outro. No entanto, tome cuidado para evitar criar uma situação em que as pessoas não se sintam confortáveis para falar.



Respeite a forma de agir, se vestir e existir das pessoas!

A forma de vestir e se comportar de cada um diz respeito apenas a si próprio, e não é para agradar aos outros. Assim, só teça comentários sobre as pessoas se forem elogios; caso contrário, é melhor guardar a opinião para si. Vamos contribuir para que a faculdade não seja um ambiente tóxico!



NÃO é NÃO!

Sempre é bom reforçar: consentimento é essencial! Se a pessoa de seu interesse não quiser ficar com você, respeite a decisão e não insista! E lembre: se a pessoa não está em condições de dizer não, também não está em condições de consentir.



Sou homem. Como posso contribuir ainda mais?

O QUE A FACULDADE ESPERA DE VOCÊ, CALOURO:

Caros calouros,

Sejam bem vindos à Universidade!

Vocês certamente devem estar muito empolgados para essa nova etapa da vida, acabam de sair de um momento de muito estresse e muita dedicação e passam para um universo de novidades. Novas aulas, novas pessoas e professores. A Universidade pode ser um lugar de muita discussão e produção de conhecimento, entretanto, infelizmente continua sendo um ambiente não tanto inclusivo, como você pode observar pelos dados apresentados nessa cartilha. Além desses dados, trazemos alguns outros para reflexão: Vocês sabiam que na população entre 25 e 44 anos, 21,5% das mulheres concluíram o Ensino Superior, enquanto entre os homens o percentual era de 15,6% (IBGE). No entanto, a maior escolaridade não se reflete no mercado de trabalho, com as mulheres ganhando em média 20,5% a menos que os homens. Além disso, na pesquisa realizada pela USP mulheres, "Interações na USP" em 2018, foi constatado que 26% e 45% dos estudantes consideram que a USP é um ambiente, respectivamente: muito machista e mais ou menos machista. Quando o assunto é **participação política**, conforme o Mapa Mulheres na Política 2019, relatório da ONU, **o Brasil ocupa a 134ª posição entre 193 países no ranking de representação feminina no Parlamento**. O percentual de mulheres no atual Congresso Nacional é somente de 15%. Estes dados e aqueles apresentados nos mostram que ainda temos um longo caminho a percorrer. O primeiro passo é se conscientizar. Compreender que a desigualdade é um reflexo estrutural de uma sociedade fundada em princípios machistas e patriarcais. Compreender que esses princípios se manifestam em diversas formas, das mais veladas as mais descaradas, e, portanto, estará presente nos diversos ambientes da faculdade. Por isso, para criarmos um ambiente cada vez mais inclusivo, não basta a inércia. Vocês possuem um papel muito importante para atingirmos esse objetivo.

Exemplificamos aqui algumas formas de como vocês podem ajudar:





Ações para transformar



SOU HOMEM. COMO POSSO CONTRIBUIR AINDA MAIS?

Escute!

Escute o que as pessoas que se identificam com o gênero feminino têm a dizer! E mais, estabeleça diálogo, sempre que possível, com o que foi falado. Evite desmerecer, atravessar ou deixar um comentário feito de lado: a educação em sala de aula é feita de forma conjunta.

Não monopolize as apresentações!

Todos terão Faculdade nos quais poderão expor seus pensamentos e suas ideias. Dessa forma, é sempre bacana realizar apresentações com falas isonômicas e bem distribuídas.

Procure referências femininas!

Vai apresentar um seminário? Vai entregar uma atividade ou um artigo? Busque professoras e intelectuais mulheres para realizar as citações. Leia as professoras da casa! Saiba quem são as pensadoras daquela área específica: é fundamental diversificar as nossas referências na hora de produzir academicamente! Esteja sempre ligado!

Ajude!

Se vir alguma menina sendo assediada, importunada ou agredida, não fique parado! Intervenha e procure ajudá-la, ou chame alguém que você acredita que poderá ajudar.

Conscientize seus amigos!

Não tenha medo de chamar a atenção do seu amigo quando ele contar uma piada preconceituosa; quando o vir assediando ou importunando uma mulher; quando ele fizer um comentário preconceituoso. Busque mostrar a ele o que está errado e conscientize-o de que a luta contra a discriminação é uma luta de todos!





Ações para transformar



SOU HOMEM. COMO POSSO CONTRIBUIR AINDA MAIS?

Não culpe a vítima!

Muitas vezes, quando as vítimas de uma agressão confrontam seus agressores, estes tendem a se colocar na defensiva, colocando a culpa nelas. Frases como “você estava pedindo”, “a culpa não é minha se você é/age/se comporta assim”, “foi só uma piada, não seja tão sensível”, “você me deu essa liberdade”, entre outras, são comuns, mas não deveriam. Não deslegitime o sofrimento alheio, tenha empatia e assuma seus erros!

Converse com suas amigas mulheres!

Ouçá o que elas têm a dizer, só assim você poderá compreender suas vivências, seus sentimentos e os desafios que as cercam. Procure identificar o que as incomoda e por que algo é visto por elas como um problema. Seja aberto ao diálogo e busque sair de sua bolha.

Fique atento com sua linguagem!

Muitas vezes, nossas falas são carregadas de estereótipos de gênero, mesmo quando não temos essa intenção. Frases como “você é muito corajosa para uma mulher”, “não esperava isso de alguém como você”, “tem certeza de que esse lugar é para você?”, e muitas outras apenas reforçam estereótipos ultrapassados e devem ser sempre evitadas. Lutar contra a discriminação é uma luta cotidiana, por isso, é importante saber identificar os problemas em nosso modo de falar para não repetir.

Informe-se!

É importante buscar novos conhecimentos e sair do senso comum. Procure sites, artigos e livros sobre feminismo, machismo e agressões de gênero, tanto no meio acadêmico quanto fora dele. Entre em contato com coletivos feministas, diretórios e comissões, construa um diálogo com os membros desses grupos, tire suas dúvidas, debata e esteja aberto a opiniões diferentes. Com isso, você poderá compreender melhor vários conceitos com os quais poderá operar no dia a dia.





Ações para transformar



SOU HOMEM. COMO POSSO CONTRIBUIR AINDA MAIS?

Portanto, **entendam que vocês também fazem parte dessa luta**, e é muito importante entender que a luta muitas vezes pode começar internamente. O machismo estrutural é tóxico para todas, inclusive para vocês mesmos! Assim como as mulheres são estereotipadas e acabam sofrendo com isso, vocês, alunos, também estão desde o momento que nascem tentando preencher e se encaixar dentro de estereótipos. Escutaram desde que se conhecem por gente que devem ser “homens de verdade”, mas nunca se perguntaram o que é ser homem de verdade. Muitos de vocês podem ter sido criados em ambientes mais conservadores, onde foram ensinados a respeitar costumes e a guiar-se por valores ditos tradicionais, sem nunca pensar de maneira muito aprofundada no que essas tradições significavam para vocês e para a sociedade na qual vivemos. Questionar esses padrões é uma tarefa fundamental do papel de vocês como agentes de mudança. Aqui estão alguns exemplos desses estereótipos:



Um homem tem de se interessar por coisas como futebol, cerveja e sexo - Você é aquilo que você quer ser. Cada pessoa tem seus próprios gostos, hobbies e qualidades. Procure se conhecer para entender quem você realmente é, e, assim, saber aquilo que realmente te faz feliz. Não tem problema não fazer nenhum esporte na faculdade ou não possuir interesse em assuntos “másculos”. E por mais que diversas vezes tentarão lhe impor réguas de medidas para que sejam cumpridas, entenda que quem impõe os seus próprios padrões é você!

Homem não demonstra fraqueza. Não pode ter sentimentos como: tristeza, ansiedade, medo ou insegurança - Não tem problema se sentir inseguro, com medo, se sentir vulnerável. Antes de ser considerado um homem, um “macho”, entenda que você é um ser humano. E, portanto, é natural possuir todos esses sentimentos. Aceitá-los e se permitir viver com eles é o primeiro passo para resolvê-los.





Ações para transformar



SOU HOMEM. COMO POSSO CONTRIBUIR AINDA MAIS?

O "Don Juan". Se ela quiser eu quero. Ir a uma festa e não ficar com ninguém? - Você não precisa ser "pegador". Apesar deste termo já ser absurdamente problemático (como se mulheres fossem objetos que os homens pegam e usam) ele joga um grande peso em cima dos homens. Ninguém está sempre com vontade de conhecer pessoas novas, ou chegar em mulheres nas festas. Nem é obrigado a ficar com uma mulher porque "ela está dando mole". Você pode sair apenas para se divertir com amigos, você tem direito de não se sentir atraído por uma mulher que está atraída por você e, desde que o respeito sempre esteja presente, é seu direito flertar e ficar apenas com quem e quando tem vontade.



Alunos, ao invés de passarem a vida inteira tentando se encaixar e corresponder às exigências de ser um "homem de verdade", passem a se questionar que tipo de pessoa você quer ser para a sociedade. Vocês têm a oportunidade de estarem vivendo uma época de questionamentos, onde padrões tão enraizados estão sendo desmistificados. Portanto, aproveitem essa janela de mudanças para estabelecerem um conceito de homem mais inclusivo, mais compreensível, menos agressivo, menos competitivo e que não só faz parte, como também, ajuda a criar um ambiente mais inclusivo para todos e todas! Deve ser muito cansativo ter de viver o tempo inteiro debaixo de uma máscara de solidez, competitividade, agressividade, de "macho", não?

"Somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de ferro"

Sigmund Freud





Ações para transformar



SOU HOMEM. COMO POSSO CONTRIBUIR AINDA MAIS?

Para agir em prol dessa luta em prol da equidade de gênero, existem algumas ONGs e movimentos que podem te ajudar!

O Movimento ElesPorElas (HeForShe)

Criado pela ONU Mulheres, a entidade da ONU para igualdade de gênero e empoderamento feminino, o movimento ElesPorElas (HeForShe) é um esforço global para envolver homens e meninos na remoção das barreiras sociais e culturais que impedem as mulheres de atingir seu potencial, e ajudar homens e mulheres a modelarem juntos uma nova sociedade.

O alcance da igualdade de gênero requer uma abordagem inclusiva, que reconheça o papel fundamental de homens como parceiros dos direitos das mulheres e detentores de necessidades próprias baseadas na obtenção deste equilíbrio. O movimento ElesPorElas (HeForShe) convoca homens como parceiros igualitários na elaboração e implementação de uma visão comum da igualdade que beneficiará toda a humanidade.

HeForShe

UN Women Solidarity Movement
for Gender Equality

A USP é uma das universidades brasileiras que apoia o HeForShe, e somos a única da América Latina a integrar o Projeto Impacto 10x10x10, que reúne chefes de Estado, CEOs globais e líderes acadêmicos de 10 governos, 10 empresas e 10 universidades engajados em uma agenda de transformações em busca de um progresso significativo para a igualdade de gênero em todo o mundo.





Ações para transformar



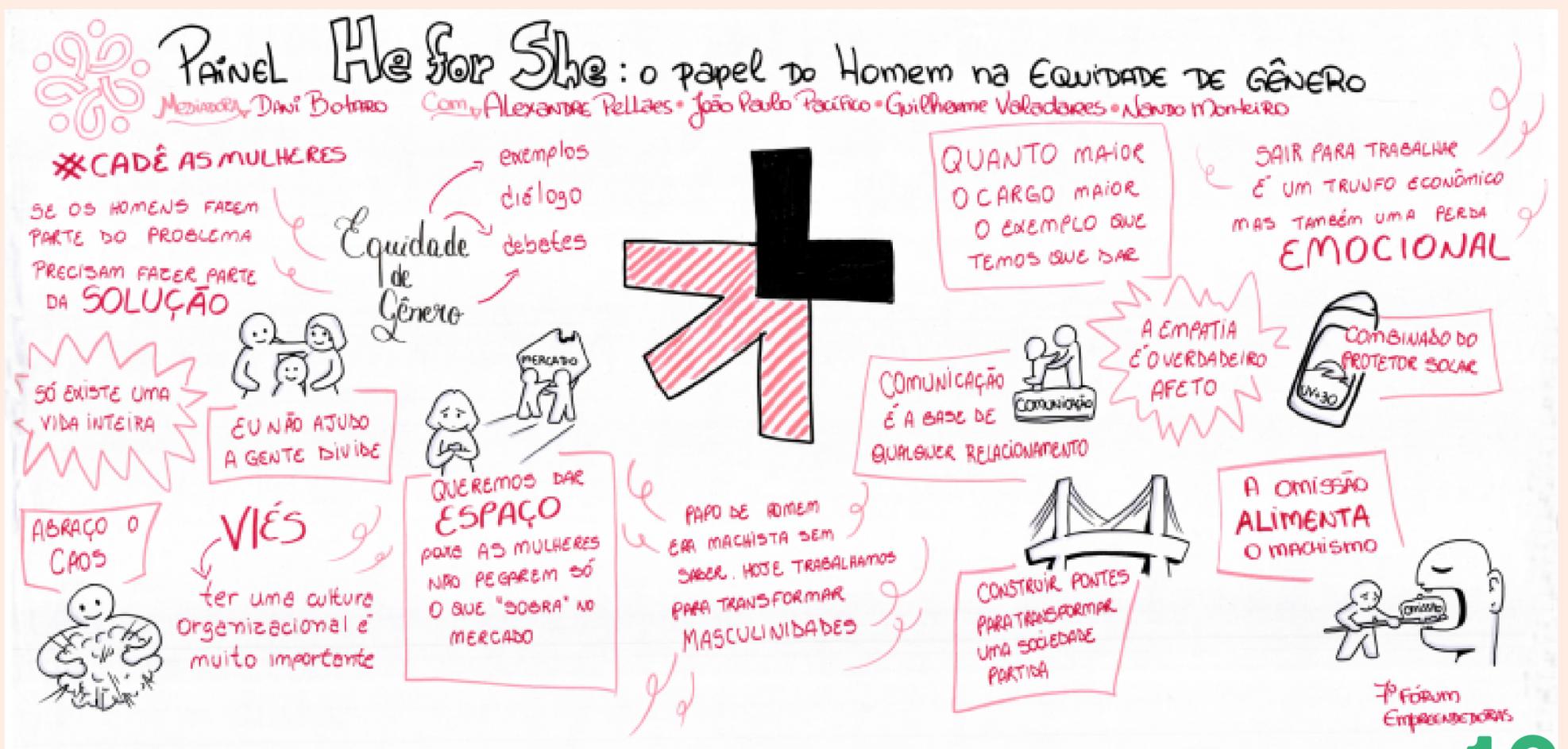
SOU HOMEM. COMO POSSO CONTRIBUIR AINDA MAIS?



Objetivo: engajar homens e meninos para novas relações de gênero sem atitudes e comportamentos machistas. A voz dos homens é poderosa para difundir para o mundo inteiro que a igualdade é uma causa de toda a humanidade. Esta deve deixar de ser uma questão das mulheres para se tornar uma questão de todos, beneficiando toda a sociedade nos âmbitos social, político e econômico.

Princípios e estratégia:

- **Atenção: educação, sensibilização e conscientização:** fazer com que os homens se identifiquem com as questões da igualdade de gênero, reconhecendo o papel fundamental que podem desempenhar para acabar com a desigualdade.
- **Argumentação:** impacto através de políticas e planejamento, envolvendo homens na realização de objetivos estratégicos: empoderamento econômico feminino; fim da violência contra as mulheres; engajamento em liderança; paz; e segurança.
- **Ação:** mobilização social de indivíduos, governos, ONGs, agências das Nações Unidas, universidades e empresas.



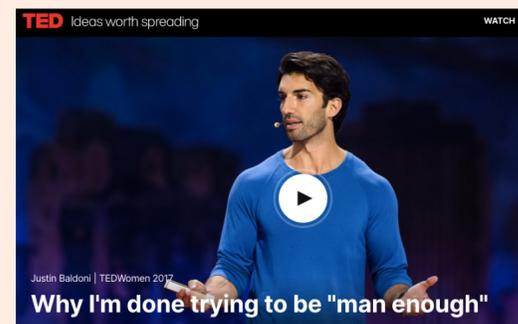
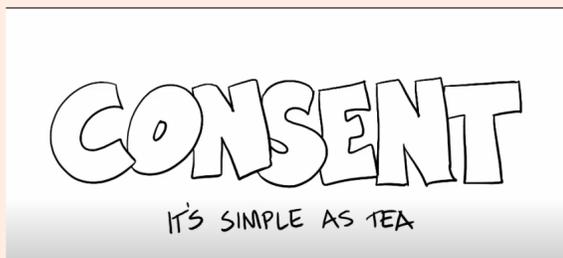


Ações para transformar



PARA SABER MAIS:

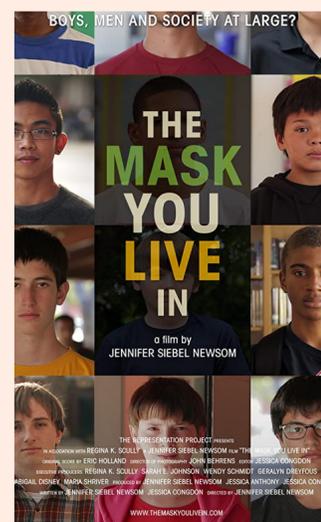
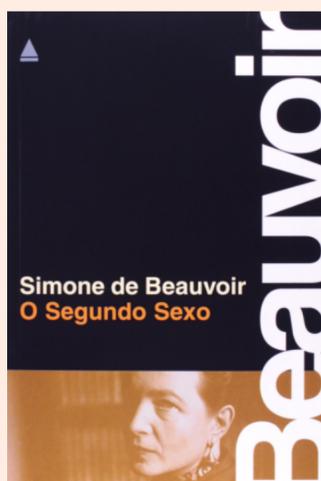
Agora que você já tem uma noção do que pode enfrentar e como lidar com as situações, indicaremos algumas referências para ajudar ainda mais nesse processo.



“Chá e consentimento”
(Vídeo no Youtube)

“Penso, logo sou homem e branco” (Podcast do Revoar no Spotify)

“Why I'm done trying to be "man enough" | Justin Baldoni (Ted Talk)



NEDER CERREZETTI, S. C. et al. Interações de gênero nas salas de aula da Faculdade de Direito da USP: Um currículo oculto?

"O segundo sexo" (Livro de Simone de Beauvoir)

"The Mask You Live in" (documentário Netflix)





Bem-vinde!



NOS VEMOS NAS ARCADAS!